

# CLUBE DE LEITURA PARA AS INFÂNCIAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

## CHILDREN'S BOOK CLUB: CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF AN EXPERIENCE WITH CHILDREN IN SOCIAL VULNERABILITY SITUATIONS

Elisangela Alves Silva<sup>1</sup>

Renata de Oliveira Moreira<sup>2</sup>

### RESUMO

Apresenta o percurso de implantação de um clube de leitura, como um modo de mediação de leitura literária. O objetivo foi analisar a viabilidade de um clube de leitura voltado a um grupo de crianças atendidas por um CCA – Centro para Crianças e Adolescentes, ONG que atua no contraturno escolar, na cidade de São Paulo. Para isso, foi realizada a pesquisa bibliográfica no intuito de resgatar conceitos e as diferenças em relação às modalidades de mediação de leitura, além do planejamento, possibilidades para implantação e modelos de perguntas norteadoras. Também foi realizada a pesquisa empírica com o acompanhamento de encontros do clube de leitura em que se constata que as crianças podem ser críticas e a importância da “conversa literária” como prática social.

**Palavras-Chave:** Mediação de leitura literária; Clubes de leitura para crianças; Bibliotecas Públicas; Relato de Experiência.

### SUMMARY

This article presents the process of implementing a book club as a form of literary reading mediation. The objective was to analyze the feasibility of a reading club aimed at a group of children assisted by a CCA (Center for Children and Adolescents), an NGO that operates during after-school hours in São Paulo, Brazil. To achieve this, a bibliographic review was conducted to explore key concepts and differences between various reading mediation approaches, as well as to develop a planning framework, identify implementation possibilities, and establish guiding questions. Additionally, an empirical study was carried out through the observation of book club meetings, revealing that

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História da Educação pela Universidade Federal de São Paulo, Mestre em Ciências da Informação pela Universidade de São Paulo. E-mail: [eli.alves.silva@gmail.com](mailto:eli.alves.silva@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1318085317011195>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4832-2185>

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista CNPq. E-mail: [rossi.renata@gmail.com](mailto:rossi.renata@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6622949615956594>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7478-2588>

children can engage critically and highlighting the importance of “literary conversation” as a social practice.

**Keywords:** Literary Reading Mediation; Children’s Book Club; Public Libraries; Experience Report

## **Introdução**

A crescente popularização dos clubes de leitura representa uma transformação significativa nas práticas de mediação literária, permitindo novas formas de interação e reflexão sobre a literatura. O presente trabalho se dedica a explorar a potencialidade dos clubes de leitura como espaço de mediação e como eles se estabelecem como uma ação cultural que visa não apenas compartilhar a leitura de um livro, mas fomentar diálogos que transcendem o ato de ler. Ao se apoiar nos conceitos de mediação propostos por teóricos como Martins (2010), Almeida Júnior (2009), Freire (1989) e outros, buscamos discutir a mediação de leitura como um processo ativo, que propõe desafios e desperta questões, mais do que oferecer respostas fáceis ou unívocas.

O projeto de estudo apresentado a seguir foi realizado em parceria com uma ONG em São Paulo e focou em crianças em vulnerabilidade social na faixa etária de 10 a 12 anos, inseridas no contexto do contraturno escolar. Por meio desse projeto, observamos a dinâmica dos clubes de leitura, as metodologias aplicadas, as dificuldades e os ganhos ao trabalhar com crianças em diferentes estágios de formação leitora, além da importância da curadoria das obras e do planejamento do roteiro de mediação. A curadoria, enquanto prática que seleciona e organiza obras literárias para um público específico, desempenha papel fundamental ao facilitar o acesso ao conteúdo e proporcionar experiências enriquecedoras para os participantes, como alerta Bajour (2012).

No decorrer da pesquisa, discutimos como os clubes de leitura, ao focarem no processo contínuo de troca e de discussão sobre a literatura, podem ser uma ferramenta poderosa para democratizar o acesso à leitura, especialmente em um país como o Brasil, onde dados de pesquisas, como a Retratos da Leitura no Brasil (2024), revelam que pela primeira vez desde o início da pesquisa, em 2001, a proporção de não leitores é maior que a de leitores. Diante desse cenário de perda de leitores, a prática de mediação de leitura se torna um agente transformador de realidades ao instigar participação ativa, crítica e

reflexiva dos leitores, em especial dos mais jovens, na construção de sentidos e na ampliação da visão de mundo.

A análise desse estudo de caso proporciona uma reflexão sobre as possibilidades e desafios encontrados na aplicação das práticas de mediação de leitura em diversos contextos, considerando tanto as limitações tecnológicas quanto a importância do planejamento e da flexibilidade nas abordagens. Ao integrar teoria e prática, buscamos compreender os mecanismos que tornam os clubes de leitura um espaço fecundo para o crescimento pessoal e intelectual de seus participantes, especialmente em tempos em que a literatura se coloca como uma via fundamental para a compreensão e a transformação social.

### **Clube de leitura como modo de mediação**

Embora os clubes de leitura tenham ganhado maior visibilidade durante a pandemia de Covid-19, com a migração de diversas atividades sociais para o formato remoto, sua origem remonta às ágoras gregas e às cortes francesas do século XVIII. De acordo com Brito (2022), os historiadores atribuem um papel fundamental a esses encontros na circulação dos ideais iluministas que permeavam a Revolução Francesa.

Entre meados de 1840 e o final do século XIX, a leitura pública em voz alta era uma prática comum, realizada por indivíduos alfabetizados para os não-alfabetizados, conforme observa Brito (2022). Nessas sessões, o tempo era dividido entre “metade leitura, metade conversa” sobre os livros, com a ideia de que a educação da massa popular poderia ser promovida pelo prazer de ouvir e ler histórias.

Refletir sobre as origens dos clubes de leitura, ou círculos de leitura, nos transporta a uma memória coletiva que evoca reuniões ao redor do fogo, em um tempo suspenso, no qual histórias, cantos, contos, prosa e saberes, em que as histórias de vida se entrelaçam com as narrativas literárias, reforçando o poder do encontro e da troca como formas de aprendizado, conexão humana e mediação.

Com relação ao termo “mediação”, é comum a metáfora da ponte, representando a entrega de um livro sob demanda, de maneira conformista. Contudo, Martins (2010) propõe uma visão alternativa: para o marxismo, a mediação é uma categoria de superação. Assim, mediar não significa apenas construir uma ponte, mas romper um muro, transcender.

Portanto, a mediação de leitura não se limita a reduzir incertezas ou fornecer leituras que eliminem dúvidas. Pelo contrário, quanto mais se lê e se dialoga sobre literatura, mais questões surgem. A mediação não apenas provoca dúvidas, mas também pode evocar dores, despertar sensações de vazio ou expor a compreensão do mundo violento, mesmo que por meio da ficção.

Além disso, Almeida Júnior (2009) defende que, inevitavelmente, o mediador interfere no processo de mediação. Essa interferência se contrapõe ao pensamento hegemônico que insiste na imparcialidade e neutralidade do profissional. Embora essas características sejam frequentemente idealizadas, não se concretizam na prática, pois o próprio mediador não é neutro. Ele carrega suas vivências, valores e visões de mundo, os quais influenciam suas escolhas nas leituras, nas abordagens das perguntas norteadoras e nas ações durante o processo de mediação.

Mediar é, portanto, uma ação contra-hegemônica, carregada de esperança. É um ato de imaginar e construir um mundo diferente. Essa esperança ativa está diretamente conectada ao conceito de “esperançar”, promovido pelo educador e filósofo Paulo Freire (1989), que nos convida a conceber a esperança como verbo, como ação.

Assim, reconhecer essa subjetividade é um passo importante para compreender a mediação como um ato ativo e transformador, e não como algo passivo ou desprovido de influência. Sendo a obra literária de natureza simbólica, ela permite leituras plurais, abrindo espaço para diferentes interpretações de um mesmo fato ou evento, possibilitadas pelas infinitas combinações dos signos. Pois, cada leitura pode ser uma experiência única, renovada a cada olhar.

Ao refletir sobre a mediação de leitura, há quem pense que essa função se restringe ao âmbito escolar e ao papel dos professores. Contudo, a mediação vai além dos limites da escola, onde frequentemente há uma cobrança por respostas certas, preenchimento de suplementos literários e fichas de leitura, com objetivos político-pedagógicos claros. Há ambientes que por sua natureza democrática tendem a ser abertos e acolhedores a diferentes perspectivas. Sem a imposição de objetivos pedagógicos diretos, elas acabam, paradoxalmente, contribuindo de forma significativa para a formação do indivíduo, criando um espaço de livre expressão e diálogo.

No primeiro semestre de 2023, foi enviada à segunda edição do Edital para Clubes de Leitura 2023, promovido pelo SiSEB-SP (Sistema Estadual de Bibliotecas do Estado

de São Paulo), um projeto voltado ao público infantil, grupo ao qual, normalmente, é planejado outros modos de mediação de leitura literária. Tais práticas variam entre abordagens mais performáticas e artísticas, até mediações realizadas em ambientes formativos.

A principal diferença entre essas práticas está na intenção. Nas mediações performáticas, o foco recai sobre a apresentação do objeto livro. Ao término da performance, as emoções e reflexões suscitadas, bem como o desejo de possuir o livro ou não, passam a ser responsabilidade dos espectadores. Nesse caso, a ação performática finaliza a entrega do “produto”.

Já em um clube de leitura, o processo é contínuo e envolve múltiplas etapas: desde a curadoria e o acesso à leitura até o acompanhamento do grupo ao longo do tempo. Nesse contexto, o mediador desempenha um papel ativo ao propor diálogos, observar as impressões geradas pelo texto e captar as manifestações – ou os silêncios – dos participantes. Essas práticas caracterizam o que Coelho (2012) define como “ação cultural”, que se diferencia da animação cultural por não se limitar a um produto ou fim específico. Enquanto a animação cultural gera impacto imediato – como a organização de espaços, apresentações artísticas ou exposições – e atrai o público, ela não promove necessariamente a continuidade das ações. Já a mediação cultural está orientada para um processo que transcende o momento, gerando impacto transformador e duradouro.

Diante da ampla variedade de ações denominadas clubes de leitura, é necessário esclarecer a proposta do clube de leitura apresentada nesse trabalho. A seguir, apresentamos algumas distinções entre práticas frequentemente confundidas com o que caracteriza um “clube de leitura”. O objetivo aqui não é fixar definições, mas oferecer esclarecimentos conforme (Brito, 2022; Bortolin; Santos, 2014; Cosson, 2014a), havendo ainda variações terminológicas:

**Roda de Leitura, Círculo de Leitura, Oficina de leitura ou Leitura Compartilhada** – Os encontros, realizados em formato circular (ombro ao lado de ombro), têm como prática a leitura conjunta de um livro, capítulo, poema ou conto. É fundamental estar preparado para as reações imprevisíveis do público diante da leitura. Apesar de elementos comuns ao clube de leitura, como perguntas norteadoras, a curadoria do texto, o conhecimento prévio das ilustrações, da biografia dos autores e outros componentes das chamadas “chaves de leitura” – conceito desenvolvido por Bajour (2012) como meio para entrar nos livros e fomentar discussões

que construam sentidos compartilhados para a leitura –, há diferenças importantes entre as práticas, pois a Roda de Leitura ou a Leitura Compartilhada não exigem periodicidade fixa, e o texto pode ser lido no momento do encontro, promovendo uma experiência de leitura coletiva imediata.

A prática de “ler com” representa uma evolução em comparação à tradicional campanha “Leia para uma criança”, amplamente divulgada nos últimos anos. De fato, ler para alguém é significativo, mas ler com ou ler junto pressupõe um protagonismo e envolvimento de todos na ação que acontece na Roda de Leitura ou Círculo de Leitura.

**Círculo do Livro** – Nesse formato, cada leitor apresenta um livro que recomenda, que já leu, está lendo ou deseja ler. Durante a apresentação, é possível compartilhar a leitura de um trecho da obra, bem como oferecer informações adicionais sobre a autoria, técnicas de ilustração e aspectos relacionados à materialidade da obra, à editora ou às razões que levaram à escolha daquele livro. Além disso, outras dinâmicas podem ser incorporadas ao longo da atividade para enriquecer a experiência e promover maior interação entre os participantes.

**Leitura Coletiva** – São encontros periódicos destinados à discussão de capítulos específicos de uma obra, previamente estipulados. Também podem funcionar como grupos de estudo dedicados a determinado livro ou autor. A leitura pode ser realizada antes ou durante o encontro.

**Clube “do livro”** – É comum a confusão entre os termos “clube do livro” e “clube de leitura”, sendo que muitas vezes são usados de forma intercambiável. No entanto, é importante diferenciar esses conceitos. O clube do livro tem como principal objetivo a comercialização e divulgação de obras literárias, frequentemente associado a iniciativas de “assinatura” que entregam livros aos participantes. Já o clube de leitura, por sua vez, dedica-se ao próprio ato literário, promovendo encontros regulares para discussões em torno de histórias narradas, incentivando reflexões e diálogos sobre os textos lidos. Nas seções subsequentes, exploraremos mais detalhadamente a história e os aspectos dessa modalidade de interação literária.

Apesar das diferentes nomenclaturas e possíveis variações entre as ações acima elencadas, essas e todas as demais são muito bem-vindas ao pensar em modos de democratizar a leitura.

Em um país onde a proporção de não leitores (53%) supera a de leitores (47%), conforme a última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024), os clubes de leitura despontam como uma ferramenta potente para transformar esse cenário. Muitos participantes relatam que, ao integrarem um clube de leitura, retomam o hábito de ler.

100

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê A literatura infantil e juvenil em novos contextos para novos leitores,  
Sinop, v. 18, n. 53, p. 95-113, julho 2025.

Isso ocorre porque o envolvimento no grupo cria um compromisso coletivo com a leitura da obra escolhida, mesmo que não seja um título que selecionariam espontaneamente. A confiança na curadoria do clube e as conexões interpessoais estabelecidas durante os encontros tornam essa experiência mais significativa.

Em geral, os clubes de leitura são encontros regulares, nos quais os participantes leem o mesmo conteúdo dentro de um determinado espaço de tempo e, de forma democrática, trocam impressões e até discordâncias em torno da leitura, com a presença de um mediador. Essa continuidade e a regularidade dos encontros fortalecem os vínculos entre os participantes e enriquecem as experiências literárias coletivas.

Reconhece-se, entretanto, que é perfeitamente viável a realização de leituras compartilhadas durante os encontros, especialmente em grupos em formação ou com leitores iniciantes.

Atualmente, os clubes de leitura se expandiram para uma variedade de formatos e espaços, inclusive o virtual, permitindo que pessoas de diferentes regiões se conectem em torno de uma mesma leitura. Isso amplia o alcance dessas iniciativas, tornando-as mais inclusivas. No entanto, a ideia de clube de leitura pode ter sido inicialmente associada à elite intelectual, o que pode ter gerado uma percepção de que esses espaços eram distantes para grande parte da população. Além disso, por muitos anos, o acesso às bibliotecas públicas no Brasil foi visto como algo restrito a estudantes de uma elite intelectual, contribuindo para essa imagem elitizada da leitura.

## Curadoria

Etimologicamente, a palavra curadoria tem origem do latim *curatore*, que quer dizer “aquele que administra”, “aquele que tem cuidado e apreço”. Não no sentido de cuidar como zelador que guarda e ou de manter recluso, mas no sentido do garimpar para disponibilizar e ampliar o acesso.

Assim, diante do volume de informações disponíveis, a curadoria se torna essencial para organizar e filtrar o que é relevante, contribuindo para a construção de sentidos e para a formação de um público mais consciente e engajado.

No campo da literatura, a curadoria vai além da seleção de obras; mas também busca oferecer novas perspectivas sobre o conteúdo. Rossi (2024) levanta a questão de como escolher uma versão de uma obra que consiga capturar sua verdadeira potência e



proporcionar aos leitores uma experiência significativa. Esse processo envolve, ainda, uma atenção cuidadosa à sensibilidade dos leitores, considerando a sequência das leituras ao longo do tempo. As obras devem ser apresentadas de forma gradual, com leituras mais complexas e temas desafiadores, surgindo conforme o grupo amadurece, reconhecendo que explorar questões difíceis pode, paradoxalmente, proporcionar acolhimento, ao permitir que o leitor se identifique com as experiências e desafios abordados.

Bajour (2012, p. 26) alerta que, quando a literatura é usada apenas como instrumento para abordar questões escolares, valores ou assuntos pessoais, “a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida a tão somente uma representação de fachada sedutora”. Isso enfraquece a potência da literatura, que nos convida a questionar nossas visões de mundo, nossas interpretações e a empatia que exercemos ao nos colocar no lugar dos personagens, mesmo que suas vivências estejam distantes em tempo e espaço. É essa construção artística que amplia nossos horizontes e nos desafia a olhar para a complexidade humana de novas formas.

A escolha de uma obra para um clube de leitura deve considerar também questões práticas em relação à disponibilização dos livros para leitura: como será o acesso? Há possibilidade de compra? Há exemplares em quantidade suficiente disponíveis para empréstimo na biblioteca? Se o acesso for *online*, em plataformas digitais (como ocorreu em nosso estudo de caso), é possível o uso simultâneo, ou seja, o empréstimo da obra para mais de um leitor no mesmo período? Para além da qualidade da narrativa oferecida e das questões já colocadas, é preciso levar em conta também o tempo de leitura do grupo, sobretudo, na fase inicial do clube de leitura, para não gerar frustração entre os participantes, como alertam Durand e Gerbovic (2024).

### **Planejamento de roteiro de mediação**

O roteiro de mediação de leitura é essencial para a preparação e condução dos encontros, mas não deve ser rígido. Como Bajour (2023) aponta, planos excessivamente controlados podem restringir tanto os mediadores quanto os leitores. O preparo, portanto, simboliza respeito e facilita a criação de possibilidades para a escuta e interação.

A linha orientadora para os encontros, conforme Durand e Gerbovic (2024) sugere três aspectos fundamentais: 1) **Temas polêmicos**, como religião, sexualidade e morte, devem ser abordados de acordo com a maturidade e diversidade do grupo, respeitando as



diferenças culturais e pessoais; 2) **Pontos importantes:** identificar elementos chave da obra, como metáforas, símbolos e conflitos, é essencial para enriquecer as discussões, como no exemplo do conto “O mestre que não sabia ler”, tratado no próximo tópico; 3) **Perguntas disparadoras:** preparar questões abertas, adaptáveis conforme a dinâmica do encontro, para fomentar um diálogo coletivo e instigar reflexões.

Em relação ao roteiro de perguntas, há uma importante contribuição de Chambers (2023) na qual a partir da conversa formal e informal e por meio do retorno das crianças, é possível identificar o papel social destas como “críticas de literatura”, destacando aspectos positivos e negativos da composição narrativa, compartilhando entusiasmos, enigmas, ou dificuldades e, finalmente, as possíveis conexões intertextuais e interculturais presentes na literatura.

Chambers (2023, p. 96) estrutura as perguntas em três níveis:

1) **Perguntas básicas:** falam sobre o que as intrigaram, os enigmas e padrões no texto, mas também podem contar o que gostaram ou não gostaram, quando essa informação contribui para o entendimento.

2) **Perguntas gerais:** são questões que podem ser feitas a qualquer texto, como afirma Chambers (2023, p. 96), “ampliam o escopo da linguagem e das referências, fornecem comparações e ajudam a trazer para a conversa ideias, informações, opiniões que auxiliam o entendimento”. Nesse sentido, pensar a bibliodiversidade também é relevante para apresentarmos uma variedade de experiências leitoras, ou seja, diferentes modos de uso da linguagem, ilustração, construção da história e sentidos. Exemplo:

*- Você leu outros livros semelhantes? ou Você já leu este livro antes? [Se sim] Foi diferente desta vez?*

3) **Perguntas especiais:** de acordo com Chambers (2023, p. 98), todo livro tem sua particularidade (a linguagem, a forma narrativa, ilustração, materialidade) que se fosse um ser humano chamaríamos de personalidade. O ideal é que os leitores descubram essas características de modo independente e, de fato, muitas vezes as crianças percebem mais facilmente essas particularidades que adultos, mas algumas vezes é preciso uma ajuda com as perguntas especiais. Exemplo:

*- Quanto tempo você acha que levou para a história acontecer?* Pergunta utilizada no terceiro encontro do Clube de Leitura de nosso estudo de caso, no qual lemos o conto

“Onde está meu pai?”, último conto do livro *O filho do caçador e outras histórias-dilema da África*, de Andi Rubinstein e Madalena Monteiro, pois o tempo de gestação e de vida de um personagem foi elemento importante na história.

- *Qual personagem mais lhe interessou?* Uma questão que destaca visões diferentes, entre os leitores, sobre os personagens e comportamentos.

A reflexão de Chambers (2023) sobre a conversa literária, como descrita, sublinha um aspecto central da mediação de leitura: a possibilidade de a literatura transcender o entretenimento e se tornar uma ferramenta transformadora. Pois, de acordo com o autor, ao compartilhar impressões e reflexões em um espaço de diálogo, os leitores se apropriam da literatura para compreender e reavaliar suas próprias experiências e escolhas. A literatura, assim, oferece imagens e conceitos que ajudam a pensar, criar e recriar a visão de si e do mundo.

## **Estudo de caso**

Após algumas conversas com a gestora do CCA Cristo Rei – Centro para Criança e Adolescente, ONG com apoio da Prefeitura Municipal de São Paulo e da Organização Social BomParto que atua no contraturno escolar há algumas quadras de distância da Biblioteca Pública Hans Christian Andersen, instituição proponente e na qual atuam as pesquisadoras, definimos o projeto voltado para 20 crianças na faixa etária de 10 a 12 anos, tendo em vista a autonomia leitora.

O Edital ao qual submetemos o projeto, apoiado financeiramente pela BibliON<sup>3</sup>, uma plataforma digital de livros, tinha como requisito central que a leitura ocorresse no formato digital. Inicialmente, acreditávamos que esse aspecto não representaria um obstáculo significativo, pois, de acordo com o levantamento TIC Kids Online Brasil 2024, 93% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos da região Sudeste acessaram a internet nos últimos três meses.

No entanto, percebemos que essa premissa se revelaria um equívoco no percurso. O acesso à tecnologia, embora difundido, ainda apresenta limitações para grupos socioeconômicos menos favorecidos, seja pela falta de dispositivos adequados,

---

<sup>3</sup>BibliON, a biblioteca digital gratuita de São Paulo, é uma iniciativa da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo sob gestão da SP Leituras. Mais informações e acervo no site: <https://www.biblion.org.br/>

problemas de conectividade ou até questões relacionadas ao uso compartilhado dos aparelhos no ambiente doméstico.

A curadoria dos livros enfrentou a limitação de trabalhar apenas com títulos disponíveis para acesso simultâneo na plataforma BibliON, garantindo que todas as crianças tivessem acesso aos textos. Contudo, ao longo do percurso, alguns ajustes foram necessários para atender integralmente aos critérios do edital, o que inclui adaptações nos títulos previamente selecionados e ajustes na metodologia dos encontros, como veremos a seguir.

A seguir, são apresentados os principais detalhes e resultados dos encontros no período de agosto a dezembro de 2023:

### **1. Encontro de Agosto**

Realizado em 23 de agosto, com 35 crianças, a obra lida foi *O mar de Manu*, de Cidinha da Silva e Josias Marinho. A participação das crianças foi positiva, com destaque para o engajamento e a troca de ideias, embora o número elevado de participantes tenha dificultado a interação de todos. A leitura prévia não foi realizada por todos, e uma sugestão para as futuras sessões foi o envio de orientações para as famílias.

### **2. Encontro de Setembro**

O encontro em 27 de setembro contou com 20 crianças e a leitura do conto *A princesa que só se casava com quem se escondesse e ela não visse onde*, de Ricardo Azevedo que integra a coletânea de contos *Histórias para jovens de todas as idades*, organizado por Laura Sandroni e ilustrações de Allan Rabelo. A turma mais reduzida favoreceu a interação e algumas crianças já haviam lido o conto, tornando a sessão híbrida. O principal desafio foi manter o grupo coeso durante as discussões, e a proposta de se sentar em um tapete foi sugerida para os próximos encontros, na tentativa de desconectar a experiência do ambiente escolar e suas carteiras.

### **3. Encontro de Outubro**

Com 10 participantes, o encontro de 26 de outubro leu o conto “Onde está meu pai?” do livro *O filho do caçador e outras histórias: dilema da África*, último conto do livro *O filho do caçador e outras histórias: dilema da África*, de Andi Rubinstein e Madalena Monteiro. A interação foi significativa, com curiosidade sobre o tema e o desejo de conhecer mais sobre as autoras. No entanto, a leitura prévia não foi realizada, o que impactou a dinâmica da sessão.

#### **4. Encontro de Novembro**

Em 29 de novembro, 12 crianças participaram da leitura de “A pele nova da mulher velha”, conto do livro *Contos indígenas brasileiros*, de Daniel Munduruku e ilustrações de Rogério Borges. A experiência foi positiva, com a maioria dos participantes já tendo lido o conto previamente. A troca de ideias foi rica, com discussões sobre povos indígenas e crenças. Algumas crianças se mantiveram mais silenciosas, mas isso não afetou o fluxo da conversa.

#### **5. Encontro de Dezembro**

O último encontro de 2023 aconteceu em 14 de dezembro, com 10 participantes e o conto “O mestre que não sabia ler”, do livro *Contos das mil e uma noites*, de autoria desconhecida, com tradução de Tiago Luciano Angelo, Paulo Bazaglia e ilustrações de Antonio Veruschka Guerra. As crianças se mostraram entusiasmadas com a história, especialmente ao discutir a ausência de tecnologias e a ideia de aprender a ler. No entanto, a falta de leitura prévia foi um obstáculo, sugerindo a necessidade de reforço nesse aspecto para os próximos encontros.

#### **Considerações Finais**

Ao longo dessa jornada, algumas apostas foram lançadas, impulsionadas pela teimosia e pela esperança, como menciona o escritor Tino Freitas (2024). A teimosia de acreditar no potencial dos clubes de leitura para crianças e na capacidade crítica desse público contraria vozes que subestimam a profundidade de sua compreensão literária. Autores como Nikolajeva (2023) e Chambers (2023) demonstram, em suas pesquisas, que as crianças não apenas interpretam, mas também atribuem significados e dialogam

criticamente com os textos lidos, refutando, desse modo, visões reducionistas sobre a infância.

A esperança, nesse contexto, está enraizada no potencial da literatura para abrir horizontes e dar voz às crianças, especialmente àquelas que a sociedade frequentemente silencia. Se a literatura representa um espaço de fabulação e recriação da vida, privar essas crianças desse direito seria, de forma equivalente, negar-lhes não apenas o acesso à arte, contudo, é preciso considerar o direito de expressar suas interpretações, de serem ouvidas e de perceberem o mundo por meio das histórias. Como concluem Nikolajeva (2023) e Chambers (2023), a leitura literária permite às crianças construir identidades, desenvolver empatia e exercitar o pensamento crítico desde cedo. Portanto, é um direito universal, e iniciativas como os clubes de leitura são atos de resistência e de fé na transformação por meio da palavra.

Entretanto, se por um lado afirmativas como a célebre frase de Mafalda, personagem do cartunista argentino Quino (2010), “viver sem ler é muito perigoso”, ganham eco nos discursos sobre leitura, a prática cotidiana nas bibliotecas e os estudos acerca da história da literatura infantil e juvenil revelam uma realidade mais complexa. Muitos acervos, quando desprovidos da ação humana de um mediador sensível, podem frustrar leitores, além de reforçar preconceitos e marginalizar experiências. Em vez de abrir caminhos, esses livros correm o risco de fechar portas, especialmente quando não evocam representatividade ou diversidade.

É nesse ponto que entra a figura do mediador, cuja ação pode transformar a leitura em uma experiência emancipadora. Como argumenta Adichie em sua palestra e livro *O perigo da história única* (2019), a ausência de múltiplas perspectivas nas narrativas literárias pode limitar a visão de mundo e reforçar estereótipos. Nesse sentido, o mediador atua como quem segura uma lupa simbólica, ajudando o leitor a perceber nuances, questionar verdades absolutas e construir um olhar crítico sobre os textos. Dessa forma, a leitura, ao invés de ser um ato solitário, torna-se um espaço de diálogo, reflexão e inclusão.

No entanto, muitas vezes, os livros são escolhidos não pelo que podem evocar de subjetivo, mas por atenderem a expectativas de funcionalidade. Embora essas abordagens tenham um lugar no processo educacional, muitas ignoram o potencial transformador e crítico da leitura literária, que vai muito além do utilitarismo.

Mayer (2022) argumenta que, nas relações desiguais de poder, o sonho também é distribuído de maneira desigual. Segundo a autora, há uma expectativa de que os filhos de trabalhadores braçais continuem a depender do esforço físico para garantir a própria sobrevivência e, principalmente, a de outros, sendo-lhes negado o direito de “cavar” a vida por meio de suas ideias. No entanto, à medida que o repertório de leitura se amplia, observa-se o uso de palavras, frases e metáforas extraídas das obras lidas como forma de comunicação. Essa constatação está refletida nos registros das conversas com as crianças durante os encontros do Clube de Leitura e poderia ser analisada de maneira mais profunda, caso houvesse a possibilidade de expandir o tempo dedicado a esta pesquisa.

Nesse tocante, Chambers (2008) defende que há aqueles livros que são transformadores, isto é, que têm múltiplas camadas de leitura, temas que são linguisticamente elaborados, portanto, possuem especificidades que possibilitam dialogar sobre eles. Enquanto há outras leituras que podem apresentar ideias reducionistas por estarem relacionados ao gratuitamente atraente, ao óbvio, ou limitarem-se a temas fáceis e redundantes sem oferecer material para o desenvolvimento de uma conversa.

A mediação de leitura literária configura-se como um espaço de experimentação e verificação de hipóteses. A pesquisa empírica evidenciou a viabilidade de um clube de leitura para crianças, destacando que, devido à pluralidade da infância, é essencial adaptar a mediação conforme as características do grupo e seu nível de proficiência leitora. Além disso, o mediador deve considerar sua própria abordagem, uma vez que formas como a roda de leitura podem ser mais adequadas para crianças com menor experiência e habilidades de leitura.

Inicialmente, acreditávamos que, com o acesso facilitado à internet, as crianças do nosso estudo de caso não enfrentariam dificuldades no uso do aplicativo BibliON. No entanto, essa suposição se mostrou imprecisa, ressaltando a necessidade de considerar as infâncias como experiências plurais e diversas. Em muitas famílias, o celular ainda é um dispositivo caro e de uso restrito, e a leitura digital enfrenta barreiras culturais e práticas. Nos encontros, observamos que poucas crianças conseguiram acessar o BibliON de forma independente, sendo necessário o apoio ativo das educadoras para viabilizar o acesso.

Essa experiência reafirmou que, para o grupo de crianças atendido pelo CCA, o livro físico continua sendo a preferência e o meio principal de leitura nesse momento. Esse dado nos convida a repensar políticas de fomento à leitura digital, adequando-as às

realidades socioeconômicas locais, e reforça a importância de garantir o acesso aos formatos físicos, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Afinal, democratizar o acesso à leitura é também respeitar os meios que dialogam melhor com cada público.

Se o mesmo livro suscita reações distintas em diferentes grupos de adultos, é natural que o mesmo fenômeno ocorra entre crianças. No entanto, ao analisarmos as frases mencionadas pelos participantes, bem como as contribuições iniciais de crianças com menor proficiência leitora, ficou evidente que a prática de um clube de leitura infantil exige adaptações significativas.

Primeiramente, notamos a necessidade de um maior volume de leitura compartilhada durante os encontros. Isso incluiu desde trechos destacados, mas, em muitos casos, a leitura integral da obra no próprio encontro, dado o tempo limitado de 60 minutos e as dinâmicas do grupo.

Outro desafio significativo foi imposto pela plataforma BibliON. Seja na limitação da curadoria de títulos, ou na materialidade do livro, pois a interação tátil, visual e até mesmo sensorial com o livro físico, especialmente suas ilustrações, proporciona uma vivência distinta e, muitas vezes, mais envolvente para as crianças, quando comparada às plataformas digitais. Assim, a preferência pelo formato físico reflete limitações práticas do grupo, além de apontar para o impacto emocional e artístico que o livro impresso ainda exerce na formação de leitores, especialmente no público infantil.

A pesquisa demonstrou que as crianças possuem um potencial crítico significativo, fundamentado em suas vivências e no repertório linguístico acumulado. Contudo, muitas vezes, a verbalização desse pensamento crítico é dificultada por barreiras como a falta de vocabulário adequado para expressar suas percepções. Esse obstáculo foi identificado no estudo de caso, principalmente em crianças que apresentavam timidez inicial, as quais frequentemente refletiam a condição de leitoras iniciantes. Nesse contexto, sua dificuldade em decodificar as palavras compromete a fluência leitora, mesmo em idades mais avançadas.

Mayer (2023, p. 228) destaca que “os livros lhes abrem portas, oferecem palavras para o que não sabiam nomear”. Esse ponto sublinha o papel essencial da leitura como mediadora, oferecendo às crianças o vocabulário e as ferramentas para traduzir seus sentimentos, experiências e críticas em palavras. No clube de leitura, mesmo que não se



configure como uma aula formal, existe uma dimensão formativa que contribui para o desenvolvimento da criticidade e da autonomia de pensamento.

Chambers (2023, p. 37) reforça essa ideia ao afirmar que “a crítica é autobiográfica”, visto que qualquer análise ou apreciação crítica está profundamente enraizada na experiência pessoal do leitor com o texto. Esse aspecto ressalta a importância de se considerar a subjetividade das crianças, permitindo-lhes explorar e expressar suas interpretações, mesmo que inicialmente limitadas.

Leitores iniciantes constroem sua interpretação das obras a partir de sua vivência e repertório, que, apesar de serem vistos por estudiosos como limitados, frequentemente carregam uma densidade poética que muitos adultos não seriam capazes de expressar. Dessa maneira, os clubes de leitura se tornam espaços privilegiados de mediação, conectando leitores, obras e reflexões sobre suas próprias vidas, contextos sociais e históricos. Mais do que isso, esses espaços ampliam as perspectivas individuais, proporcionando novas interpretações a partir dos pontos de vista de outros participantes, tudo em um ambiente simbólico e seguro, em que discordar, concordar e dialogar são incentivados de maneira democrática.

Os clubes de leitura possuem uma natureza dinâmica, capaz de promover um diálogo contínuo entre curadoria, os interesses dos participantes e o potencial formativo das obras escolhidas. A literatura, por ser viva, se reinventa a cada nova leitura, seja pelo leitor iniciante ou experiente. Contudo, é essencial evitar que esses espaços se transformem em meros produtos de mercado ou “fabricações culturais”, como alerta Coelho (2012). O risco ocorre quando os encontros se limitam ao conforto, sem discussões profundas ou reflexões críticas, em que todos saem com a mesma impressão das obras, priorizando o entretenimento em detrimento do pensamento reflexivo.

Por outro lado, é fundamental explorar a bibliodiversidade, priorizando novos autores, ilustradores e editoras, especialmente os independentes e nacionais, que possam oferecer narrativas desafiadoras e plurais.

Nossa intenção é persistir no clube de leitura com o grupo do CCA, acreditando no poder transformador da palavra e na importância de cultivar leitores críticos, mesmo diante das adversidades que podem podar ou limitar a expressão dessas crianças. Criar um espaço no qual suas vozes sejam ouvidas, em que possam fabular e se enxergar como protagonistas, é mais do que um ato pedagógico – é um compromisso ético e social.

Assim, oferecer a essas crianças um espaço de escuta e liberdade para fabular é também uma forma de resistir ao silenciamento que tantas vezes as margens sociais impõem. É acreditar que a literatura, como espaço de fabulação e de confronto com as complexidades do mundo, abre possibilidades infinitas para pensar, sentir e agir. Nesse sentido, seguir com o clube de leitura é reafirmar que o direito à literatura é, também, o direito a um espaço onde a criatividade e a crítica podem florescer, moldando vozes que não apenas ecoam, mas, sobretudo, transformam.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119300>. Acesso em: 13 fev. 2023.

ANGELO, Tiago Luciano; BAZAGLIA, Paulo Sergio; SOARES, Cícero. *Contos das mil e uma noites*. São Paulo (SP): Paulus, 1997.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília. *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação*. São Paulo: Solisluna, 2023.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS, Zineide Pereira dos. Clube de leitura na biblioteca escolar: manual de instruções. *Informação@Profissões*, [S. l.], v. 3, n. 1-2, p. 147–172, 2015. DOI: 10.5433/2317-4390.2014v3n1-2p147. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/21012>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRITO, Regina Garcia. *Clubes de leitura, literatura e biblioteca: perspectivas da mediação cultural na era da informação*. 2022. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.27.2022.tde-09112022-151307. Acesso em: 04 jan. 2023.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

CCA - Centro para Crianças e Adolescentes. *Prefeitura da Cidade de São Paulo, Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social*, 2023. Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/protecao\\_social\\_basica/](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/). Acesso em: 22 dez. 2023.

CETIC.BR – CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. *TIC Kids Online Brasil 2024: principais resultados*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2024. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/tic\\_kids\\_online\\_brasil\\_2024\\_principais\\_resultados.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2024_principais_resultados.pdf). Acesso em: 12 mar. 2025.

CHAMBERS, Aidan. *Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa*. São Paulo: Cortez editora, 2023.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.  
DURAND, Janine; GERBOVIC, Luciana. *Clubes de leitura: uma aposta nas pequenas revoluções*. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2024.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 11-12.

FREITAS, Tino. *Início*. Disponível em: [Tino Freitas escritor | Literatura para infância](#). Acesso em: 29 out. 2024.

HISTÓRIAS PARA JOVENS DE TODAS AS IDADES. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2014.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 6. ed. 28 out. 2024. Disponível em: [Apresentação Retratos da Leitura 2024 13-11 SITE.pdf](#). Acesso em: 29 out. 2024.

MARTINS, Ana Amélia Lage. *Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação*. 2010. 255f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

MAYER, Bel Santos. *Parelheiros, idas e vi(n)das: ler, viajar e mover-se com uma biblioteca comunitária*. São Paulo: Instituto Emília; Solisluna editor, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo (SP): Global, 2004.

NIKOLAJEVA, Maria. *Poder, voz e subjetividade na literatura infantil*. São Paulo: Perspectiva, 2023.

QUINO, J. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROSSI, Renata. *Os fios da narrativa: conversas sobre mediação de leitura..* Ouro Preto: Caravana, 2024.

RUBINSTEIN, Andi; MONTEIRO, Madalena; EBERT, Andréa. *O filho do caçador e outras histórias-dilema da África*. São Paulo (SP): Panda Books, 2014.

SILVA, Cidinha da; MARINHO, Josias. *O mar de Manu*. São Paulo (SP): Yellowfante, 2022.

Recebido em: 23 de março de 2025.

Aceito em: 03 de junho de 2025.